

# Alceu, vida e morte

José Sarney

O Brasil ficou bem menor com a morte de Alceu Amoroso Lima. Menor seu mundo de idéias, menor seu pensamento, menor sua geografia, menor sua expressão humana dentro do nosso tempo.

Rilke dizia numa carta, quando soube da morte de Rodin, que todos os grandes homens já morreram. Alceu, esse gigante extraordinário, do que existe e existiu de melhor na inteligência brasileira, encheu de glórias, momentos e prazeres esse espaço de angústias e sonhos que é a literatura brasileira. Ele escreveu sobre tudo, ele pensou sobre todas as coisas, até sobre o nada. Escreveu sobre a vida e sobre a morte, sobre a entrevida e entremorte. Teve uma visão do eterno e do transitório e, com os olhos da fé, viu tudo muito claro. Viveu a dúvida do corpo e da alma, e, nessa dúvida, encontrou a Deus e chamou-o liberdade.

Suas idéias políticas estavam mais inseridas dentro da teologia do que da sociedade. Era uma postura de justiça! Tornou-se íntimo das coisas eternas e por isso viveu tantos anos para ver, em vida, sua própria eternidade.

Que belo ouvir sua voz, de amigo e amante de Cristo, no seu agora silêncio, dizer "que amou". Que teve filhos e netos, que mergulhou na condição humana e sentiu todos os dilúvios. Que teve amigos, que teve amor de esposa e acalanto de filhos, que sonhou, que construiu per-

sonagens, que atravessou auroras e crepúsculos.

Bendito Alceu, tão homem e tão santo, pai de freiras, emulo de padres e bispos, contemporâneo da criação do mundo na visão cristã da separação das águas e das terras, apaixonado de flores, profissional do pensamento.

A Academia é guardiã dos valores eternos da inteligência e da cultura do País. Ali, uns são maiores, outros são menores. Ali, Amoroso Lima pontificava como um

*"Suas idéias  
políticas  
estavam mais  
inseridas  
dentro  
da teologia  
do que  
da sociedade.  
Era uma  
postura  
de justiça."*

Deus, daqueles deuses pagãos que nos protegem das mesmas chuvas e dos mesmos sóis. Dedicava-lhe uma amizade reverencial. Ele era uma presença do passado, uma afirmação do presente e uma visão do futuro. Sua obra monumental de centenas de livros, número incontável de artigos, discursos e conferências, sua poderosa afirmação moral, sua autoridade intelectual, sua vida exemplar faziam-no quase como uma estátua. Não com a

frieza da pedra, mas com a eternidade da carne. Lembrá-lo na sessão em que Graça Aranha deflagrava guerra à Academia, Coelho Neto gritava "eu sou o último heleño" e Alceu Amoroso Lima, jovem, carregando em triunfo o autor de Canaã, no ardor da mocidade revolucionária.

Seus ossos desaparecerão. Mas as letras impressas, perpetuadoras do seu pensamento, estarão vivas, provocando reflexões e meditações. Resistirão invernos e secas e mostrarão sempre um caminho, o caminho de Deus e de amor aos homens. Quem lê sua bibliografia fica parado. É difícil ir mais longe. É difícil que a morte não provoque sempre inventários.

Cada um julga-se herdeiro de um pedaço e fiska, aqui e ali, palavras, frases, momentos, atitudes, para servir um pouco ao que se quer afirmar. Tenho horror a esse "arrolamento".

Alceu Amoroso Lima não pertence a ninguém, a nenhuma corrente, a nenhuma postura política. Ele foi o pensador, o humanista, o homem de letras integral. Ele pertence a esse limitado número de iluminados que se incorporam ao patrimônio de uma nação, de um povo e que para a eternidade mostram a face de Deus, no corpo do bicho homem.

Por isso mesmo, gritemos que viva a sua vida e que viva continue a sua morte.

O Senador José Sarney, presidente nacional do PDS, é membro da Academia Brasileira de Letras.